

&

Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque
M. Terezinha Telles Guerra

Didática do
ENSINO DE ARTE



A LINGUAGEM DO MUNDO

Poetizar,
fruir e
conhecer arte

FTD

"guerra de fcp"

PRA INÍCIO DE CONVERSA

*A vida só é possível
reinventada.*

Cecília Meireles

Alguma vez você já se perguntou por que arte na escola? Em caso positivo, que respostas você encontrou para justificar o tempo a ela destinado no currículo escolar? A maioria das pessoas não duvida, por exemplo, da importância das aulas de matemática, língua portuguesa ou ciências... Mas arte? Para quê? Além disso, outra questão se coloca: será que aquilo que se tem ensinado nas aulas de arte é de fato arte?

Como tudo começou?

Para respondermos a essa indagação, é preciso voltar um pouco no tempo e buscar as origens do ensino da arte no Brasil, do ensino formal, institucionalizado.

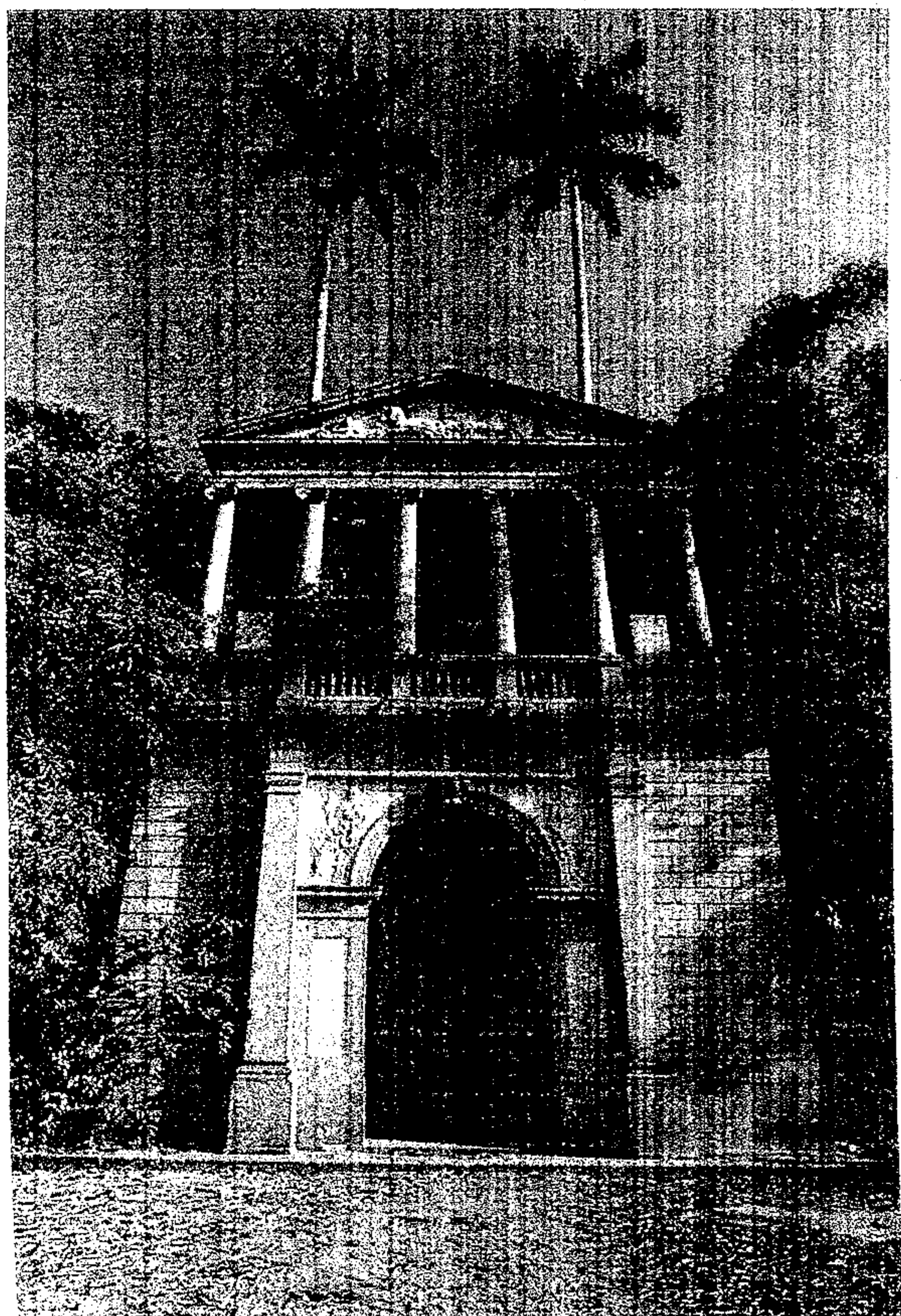
Academia Imperial
de Belas-Artes

Desde o descobrimento do Brasil — como se o Brasil já não existisse antes —, recebemos influências de várias culturas, que foram por nós incorporadas, metabolizadas, configurando a diversidade da cultura brasileira expressa nas nossas singularidades regionais.

O que mais caracteriza a unidade e a diversidade de um país, senão sua música, seu teatro, suas formas e cores, sua dança, folclore, poesia? Nessas manifestações, sempre fruto de um amálgama cultural, é que estão mais fortemente gravados os sentimentos e pensamentos de um povo.

Uma referência importante para a compreensão do ensino de arte no Brasil é a célebre Missão Artística Francesa trazida em 1816, por dom João VI. Foi criada, então, a Academia Imperial de Belas-Artes, que após a proclamação da República passou a ser chamada de Escola Nacional de Belas-Artes. O ponto forte dessa escola era o desenho, com a valorização da cópia fiel e a utilização de modelos europeus.

O Brasil, especialmente em Minas Gerais, vivia naquele tempo a explosão



Manoel Novaes/FTD

do Barroco, mas o Neoclassicismo trazido pelos franceses é que foi assumido pelas elites e classes dirigentes como o que havia de mais “moderno”. A arte adquiriu a conotação de “luxo”, somente ao alcance de uma elite privilegiada que desvalorizava as manifestações artísticas que não seguiam esses padrões.

A partir dessa época temos uma história do ensino da arte com ênfase no desenho, pautada por uma concepção de ensino autoritária, centrada na valorização do produto e na figura do professor como dono absoluto da verdade. Sua mesa ficava sobre uma plataforma mais alta, para marcar bem a “diferença”... Ensinava-se a copiar modelos — a classe toda apresentava o mesmo desenho — e o objetivo do professor era que seus alunos tivessem boa coordenação motora, precisão, aprendessem técnicas, adquirissem hábitos de limpeza e ordem nos trabalhos e que estes, de alguma forma, fossem úteis na preparação para a vida profissional, já que eram, na sua maioria, desenhos técnicos ou geométricos. O desenho deveria servir à ciência e à produção industrial, utilitária.

O ensino da música teve pouca projeção nas escolas até mais ou menos 1950, quando começou a fazer parte do currículo. Limitava-se a aulas de solfejo, canto orfeônico e memorização dos hinos pátrios. Nessa época surgiam também algumas disciplinas como “artes domésticas”, “trabalhos manuais” e “artes industriais”, em cujas aulas os meninos eram separados das meninas, pois havia artes “femininas” — bordado, tricô, roupinhas de bebê, aulas de etiqueta... — e artes “masculinas”, geralmente executadas com madeira, serrote, serrinhas, martelo: bandejas, porta-retratos, descansos de prato, sacolas de barbante, tapetes de sisal.

Entre as décadas de 50 e 60, começou-se a notar nas escolas a influência de um movimento denominado Escola Nova, já presente na Europa e Estados Unidos desde o final do século XIX, e dos ainda recentes estudos sobre criatividade. A influência da pedagogia centrada no aluno, nas aulas de arte, direcionou o ensino para a livre expressão e a valorização do processo de trabalho. O papel do professor era dar oportunidades para que o aluno se expressasse de forma espontânea, pessoal, o que vinha a ser a valorização da criatividade como máxima no ensino da arte.

Esses princípios, na prática escolar, muitas vezes refletiam uma concepção espontaneísta, centrada na valorização extrema do processo sem preocupação com os seus resultados.

